



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

FSL0115 - PERSISTÊNCIA E MUDANÇA SOCIAL - RESENHA II

GABRIELA PRESTI MIGLIAVACCA - 9775213

A presente resenha tem como objetivo relacionar e traçar um paralelo entre os conceitos de rede (do mercado artístico contemporâneo) de Anne Cauquelin e rede de funções de Norbert Elias.

Primeiramente, para entender o contexto da passagem do moderno para o pós-moderno, nos debruçaremos na análise de David Harvey em "Condição Pós Moderna" (1993). O autor define que o pós modernismo é caracterizado por uma mudança na estrutura do sentimento:

“há uma notável mutação na sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas que distingue um conjunto pós-moderno de pressupostos, experiências e proposições do de um período precedente.” (Huyssens, 1984)

No entanto, Harvey considera particularmente difícil avaliar, interpretar e explicar essa mudança e traça diversos paradoxos em definições do pós-modernismo como ruptura ou revolta, estilo ou conceito "periodizador", fruto de uma reestruturação radical do capital ou da emergência de uma sociedade pós-industrial. Por fim, enfatiza o profundo caos da vida moderna e uma impossibilidade de lidar com ele com o pensamento racional (Harvey, 1993).

O autor alude a Foucault, que instrui "(...) a ação, o pensamento e os desejos através da proliferação, da justaposição e da disjunção, preferir o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os arranjos móveis aos sistemas (...)". Assim, a vida cultural passa a ser vista como intersecção, justaposição de textos que produzem outros textos e a preocupação passa a ser com o "significante e não com o significado, com a participação, a performance e o happening, em vez de com um objeto de arte acabado e autoritário" (Harvey, 1993).

Seguiremos, então, para a análise de Anne Cauquelin a respeito do mercado da arte contemporânea. A autora inicia seu segundo capítulo afirmando que os regimes de consumo sozinhos não explicam o conjunto de fenômenos atuais, é necessário considerar também o regime de comunicação que emerge (organização social e diferentes sistemas de transmissão tecnológica de informação). Segundo Cauquelin, as práticas artísticas absorveram essa modificação.

Antes de adentrar no mercado da arte, a autora destrincha o que chama de "efetadores" da comunicação: a noção de rede, o bloqueio ou a autonomia, a redundância ou saturação, a nominação e a simulação da realidade. Neste primeiro momento, nos deteremos ao primeiro conceito, o de rede. Cauquelin o define como o "sistema de ligações multipolar no qual pode ser conectado um número de entradas", é um conjunto extensível e que concede a importância não a um centro, mas ao "movimento que permite a conexão".

Então, a autora analisa a mudança que ocorreu com o mercado da arte em decorrência da velocidade aumentada que a comunicação promove. Cria-se, assim, uma rede internacional de galerias e uma rede internacional de instituições culturais. O efeito rede aqui representa a interação entre mercados onde são formados os preços e o campo cultural onde se operam as avaliações estéticas e o reconhecimento social (Cauquelin, 2005)

A seguir, Anne Cauquelin demonstra os papéis e lugares dos atores do mercado artístico, a começar por produtores, os atores mais ativos que dispõem de uma grande quantidade de informações provenientes de sua rede (Cauquelin, 2005) são privilegiados pois estabelecem o preço e valor estético. A autora então examina o papel dos níveis de produção, que possuem o poder de rede, as decisões não partem de um sujeito ou um grupo de sujeitos; e as encomendas tem como função designar para o público o que é a arte contemporânea. Auxiliares da produção são todos aqueles que não possuem papéis individuais (marchand pode ser um gestor cultural, um crítico pode ser também curador de uma exposição), como demonstra a autora:

"os produtores (...) buscam e difundem suas informações por meio de uma rede onde se encontram misturados a imprensa

especializada, os experts e os organizadores de exposições e os viajantes comerciantes, que cruzam os céus e fazem importação e exportação de informações, ou os corretores que, por sua vez, transportam as obras" (Cauquelin, 2005)



Por fim, mas não menos importante, a autora apresenta a função dos artistas criadores. A obra e o artista são tratados pela rede de comunicação como elemento constitutivo (pois sem eles a rede não tem razão de ser), mas também como um produto da rede (sem a rede, nem a obra nem o artista têm existência visível) (Cauquelin, 2005).

A noção de rede do mercado de arte contemporânea é sintetizada pela autora com a definição de que a realidade da arte contemporânea se constrói fora das qualidades próprias da obra, mas na imagem que ela suscita dentro dos circuitos de comunicação:

"Quando vemos uma obra dita de 'arte contemporânea', estamos vendo na verdade a arte contemporânea em seu conjunto. Ela mesma se apresenta em seu processo de produção." (Cauquelin, 2005)

Passaremos agora, aos estudos de Norbert Elias. A abordagem sociológica de Elias, dentro da questão de agência e estrutura, enfatiza que a sociedade e indivíduo não são termos opostos, como diz o senso comum. Em seu livro "A Sociedade dos Indivíduos", de 1939, o autor busca justamente um entendimento de sociedade e de individualização. Logo de início, nos é colocada uma questão sobre o entendimento do termo "sociedade"; o autor deseja compreender de que modo um grande número de indivíduos compõe entre si algo maior e diferente de uma coleção de indivíduos isolados, ou seja, como é que eles formam uma sociedade e como essa sociedade se modifica de maneiras específicas (Elias, 1939).

Então, para entender a estruturação da sociedade, Elias traz uma metáfora interessante com a construção de uma casa. A casa seria a sociedade e as pedras, os indivíduos.

"(...) certamente não se pode compreender a estrutura da casa inteira pela contemplação isolada de cada uma das pedras que a compõem. Tampouco se pode compreendê-la pensando na casa como uma unidade somatória, uma acumulação de pedras". (Elias, 1939)

Para o autor, a sociedade é a rede de funções interdependentes que as pessoas desempenham em relação a outras. Se trata de uma ordem invisível, oculta e não diretamente perceptível pelos sentidos (Elias, 1939). Voltando à metáfora da casa, a sua estrutura deve ser entendida não pelas pedras isoladas, mas pelas relações entre as diferentes pedras que a constroem, "é o complexo das funções que as pedras têm em relação umas às outras na unidade da casa".

E, para explicar as funções, deve-se começar pensando na estrutura do todo, para assim compreender a forma das partes individuais. Elias afirma que é necessário "desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações e funções. (Elias, 1939)

Podemos, enfim, tentar analisar o mercado da arte contemporânea como uma rede de funções, tal qual uma sociedade. Não é possível apreender a arte contemporânea analisando as obras ou artistas individualmente. Existe toda uma complexa rede, da qual fazem parte os produtores, os níveis de produção, auxiliares de produção (críticos, marchands, etc) e artistas criadores. São diferentes funções que se dão em diferentes relações, influenciadas pela velocidade da comunicação e da transmissão de informações, que acabam por criar uma rede internacional de instituições culturais.

Essa rede de funções gera as avaliações estéticas e o reconhecimento social que caracterizam a arte contemporânea. E uma obra de arte contemporânea, mesmo que sozinha, representa toda essa rede por estar inserida nela. A estética influencia a obra e a obra influencia a estética. Assim como um indivíduo que está inserido em uma sociedade é influenciado por ela, mas também tem a capacidade de influenciar toda a sua rede de relações.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. pp. 55-79

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 1994, parte I.

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. 1993, capítulo III